



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega da 1ª etapa do Perímetro de Irrigação do Salitre para
ocupação de lotes de produção agrícola**

Juazeiro-BA, 05 de março de 2010

Eu vou apertar o botão e vai demorar pelo menos uns dois minutos para a água começar a sair. É só para não desanimar, porque isso aqui tarda mas não falha.

Ô, gente, vocês da máquina e da câmera, pelo amor de Deus, parem de filmar a nossa cara, olhe a água lá, meu filho, que é a razão pela qual a gente veio aqui. Olha que coisa maravilhosa!

Bem, deixa funcionando direto, agora? Quem ganhou a terra já vai plantar alguma coisa lá. Já perdeu aí um mamão, já perdeu um cajá, já perdeu uma manga...

Meus queridos companheiros,

Meu caro companheiro governador Jaques Wagner, nosso companheiro governador da Bahia,

Nosso companheiro Lira, governador interino de Pernambuco,

O problema é o seguinte, aqui, ô companheiro da Codevasf: eu estou atirando no meu pé. Porque eu vou falar, liga a água, todo mundo fica “zambetando” lá para a água, e o Lulinha aqui sem ninguém notar. Não é justo. Eu vou ter que pular lá no meio da água, ficar todo encharcado e fazer o discurso de cima de uma prancha. Pode, pode desligar, pode desligar. Pode desligar, porque... Isso daqui tem que desligar pelo seguinte, olha: porque não podemos também gastar água antes da hora certa. Não é porque tem água que a gente vai gastar.

Mas eu queria cumprimentar o companheiro... o governador da Bahia, o governador de Pernambuco,



Cumprimentar os nossos companheiros ministros que estão aqui,

Não vou citar o nome, nem do Lira, nem do Wagner, porque todo mundo já sabe que eles são governadores. Também não vou citar dos deputados, porque eles já são muito conhecidos, não precisam mais de voto aqui, eu citando o nome deles.

Eu queria apenas dizer para vocês, meus queridos companheiros prefeitos de Petrolina, prefeito de Juazeiro, prefeitos aqui da região que é um momento especial este momento que nós estamos vivendo aqui em Juazeiro. É especial, porque eu venho entregar os primeiros 5.090 hectares de irrigação no projeto Salitre. Esperava que o prefeito estivesse emocionado e me agradecesse, e eis que o prefeito não estava emocionado, ele estava era com uma gana de reivindicação tão grande, que já me reivindicou o dobro do que eu gastei do governo federal para fazer esse processo. Só a coisinha que ele falou “pequena”, de fazer a entrada de Juazeiro, custou a bagatela de R\$ 90 milhões, fora os outros projetos.

Mas eu acho que é importante o prefeito reivindicar, porque eu, cada vez que venho aqui, e a ministra Dilma, como coordenadora do PAC, sabe que, cada vez que eu faço uma reunião do PAC, eu pergunto dessa ponte entre Petrolina e Juazeiro. Porque essa ponte virou para mim quase que uma questão de honra.

Agora, é importante que a gente diga que tem políticos de Juazeiro que são responsáveis pelo atraso dessa obra. Pelo menos a primeira parte da ponte de Juazeiro já era para estar pronta. Mas houve um movimento do ex-prefeito, que não permitiu que a gente concluísse essa ponte. Eu nem sei se ele estava com razão ou não, não quero nem falar mal dele. O dado concreto é que eu chego um dia para inaugurar a Universidade aqui de Juazeiro e a Universidade de Petrolina e, de repente, está parada a ponte. Por quê? Porque o prefeito fez um movimento, reuniu a comunidade, disse que não quer mais a ponte assim, que a ponte vai ser assada. Aí, teve que fazer um projeto. Ficou



não sei quantos meses parado. Aí depois fizemos um outro projeto. “Ah, não quero mais desse jeito, quero voltar do jeito anterior”. Aí não dá, não dá. Então, agora, eu espero, Prefeito, eu espero que... a obra está sendo retomada, eu já reclamei para o prefeito, porque eu não vi ninguém trabalhando lá em cima, ele disse que está trabalhando lá embaixo. Trabalhando escondido de mim, porque eu não vi ninguém. Essa obra tem que ser concluída. E eu quero te dizer, ô Prefeito, eu quero te dizer o seguinte: só tem sentido a gente terminar a obra da ponte com a conclusão dos 9 quilômetros que você quer, para desafogar Juazeiro. Porque senão você vai apenas aumentar o tamanho do picolé, apenas isso. Então, eu estou levando a sua proposta, o DNIT já tem o projeto, a Dilma já está sorrindo para você. Significa que aquele abraço que você deu nela, eu acho que pode ter alguma importância.

Então, eu quero agradecer a vocês e dizer que a obra dessa ponte... ou seja, eu espero que, agora, o povo de Juazeiro, o ex-prefeito, o atual prefeito, todos estejam de comum acordo de que essa obra possa ser concluída para que a gente possa inaugurar o mais rápido possível essa ponte.

Não, eu sou obrigado a dizer as coisas, porque, senão, eu conheço como é que é. Quando eu virar as costas e for embora, os “nego” falam: “É, ele veio aqui, falou, mas a ponte não saiu”. E essa ponte, nunca faltou dinheiro para fazer. Então, quando eu estou errado, eu sei dar a mão à palmatória. Agora, só posso dizer para vocês: se tem um filho dessa terra que não tem culpa pelo atraso dessa ponte é esse que vos fala aqui.

Bem, uma outra coisa importante, companheiros, é que ainda este mês... Geddel, preste atenção; João Santana, preste atenção, preste atenção. Dilma, seja testemunha do que eu vou dizer, seja testemunha. Porque é o seguinte: ainda neste mês de março, até o final de março, nós vamos fazer a licitação dos outros 7 mil hectares, que é a segunda parte desse projeto. Então, prestem... Dilma, você é testemunha. Agora, até o final de março. Até o final de março nós vamos entregar mais, fazer a licitação, lançar o edital da licitação de



mais 7 mil hectares. E também, estamos licitando o abastecimento de água nas 41 comunidades da região do salitre, no programa Água para Todos. Então, notícias boas.

Agora, companheiros e companheiras, vocês vejam que eu estou com um discurso razoavelmente grande, por escrito, aqui, mas eu não estava querendo ler o discurso, não. Eu estava querendo apenas dar uns números para vocês, que eu acho extremamente importante, para a gente pegar, a imprensa registrar, para que a gente não tenha a memória curta.

Eu estive em Juazeiro em 30 de outubro de 2003, visitando a 14ª Feira Nacional de Agricultura Irrigada. Na ocasião me comprometi a retornar à cidade para inaugurar a primeira etapa da obra do Perímetro de Irrigação. Isso foi em outubro de 2003. Eu retornei em Juazeiro no dia 21 de fevereiro de 2006, para visitar as futuras instalações do campus da Universidade Federal do Vale do São Francisco. É importante lembrar que essa Universidade do Vale do São Francisco foi aprovada no Congresso Nacional antes do meu governo, mas o primeiro tijolo, quem pôs aqui, foi exatamente o nosso governo, aqui, em Petrolina.

Agora, nós viemos entregar, simbolicamente, os lotes para as famílias. E é importante lembrar: 250 famílias são de pequenos agricultores que vão receber, em média, 6.6 hectares, e 66 lotes são para médios produtores. Os agricultores familiares terão tratamento diferenciado das empresas. Enquanto estas, ou seja, as empresas, receberão o terreno apenas com uns pontos de irrigação e energia, cada lote dos pequenos agricultores terá ponto de água pressurizada e poste de energia elétrica. Os pequenos agricultores também receberão assistência técnica da Codevasf e acesso à linha especial de financiamento do Banco do Nordeste para a compra do kit de irrigação, com o sistema apropriado para o cultivo que desejarem.

Roberto Smith, levanta aí para o pessoal saber quem é o “cabra” do BNB que eles vão ter que recorrer quando precisar de dinheiro. Porque é muito



fácil o Presidente vir aqui falar de dinheiro, quando eu viro as costas, vocês não sabem quem é o homem do BNB, vocês não sabem quem é o “cabra” da Codevasf e ficam procurando, e eu nem sei. Então está aqui: A Codevasf está aqui. Olha bem, olha bem, marca bem. E o Banco do Nordeste está ali, está bem? Eles têm o compromisso de cuidar com carinho de todos, mas com muito mais chamego o pessoal da agricultura familiar, porque é quem precisa mais do governo.

Isso é que nem mãe, gente. O que eu quero que eles façam é que nem mãe que gosta do filho. Uma mãe pode ter dez filhos. Agora, se ela tiver um mais frágil é o que ela vai cuidar com mais carinho, vai pegar mais no colo, vai fazer chamego. Aquele que está bem de saúde, está brincando, aquele pode se esgoelar que ela vai falar: “Fica aí no seu canto”. Mas o pobrezinho, ela tem que cuidar com carinho. É isso que eu quero que esse menino faça. Não precisam ser grandes, formados em doutores, não. Tenham um coração de mãe, que já vale a pena vocês governarem este país.

Bem, o que vocês vão plantar é o que vocês quiserem. Nós não vamos, aqui, dizer para vocês: “Você tem que plantar isso, tem que plantar isso, tem que plantar aquilo”. Não. Cada um é livre para plantar aquilo que melhor ele quiser plantar. E, certamente, como ninguém aqui é bobo, nós vamos plantar aquilo que a gente tem conhecimento e aquilo que a gente sabe que vai nos dar um melhor rendimento. Afinal de contas, vocês não vão querer perder dinheiro agora, com essa terrinha irrigada de vocês.

Bem, e aí podem plantar o que quiser. Tem muitas coisas para plantar. Tem de mamona, de manga, de coco, tem de pinhão-manso, tem de dendê, tem de fumo, tem o que você quiser. Agora, escolham e se preparem para o seguinte: escolham aquilo que vocês têm conhecimento, aquilo que vocês têm certeza que vocês dominam, e que tem mercado para os produtos que vocês vão produzir.



A primeira etapa – veja que coisa importante aqui –, a primeira etapa deverá gerar 5 mil empregos diretos, 10 mil empregos indiretos, e beneficiar 25 mil pessoas, movimentando R\$ 55 milhões por ano.

Bem, eu não vou dizer aqui do projeto todo, mas vou dar um dado importante para vocês. Você veja que eu estou passando a mão na língua para pegar o papel. Eu deveria ter um assistente só para colocar um negocinho molhado aqui, para eu fazer assim. Mas como eles acham que eu sou peão, eles acham que eu não preciso disso. Se fosse...

Bem, bem, vamos ver aqui... Ô Dilma, você presta atenção nesses números aqui, porque depois esse povo vai cobrar! Porque é o seguinte: o total do investimento previsto para todo o projeto é um custo, Dilma, de R\$ 900 milhões. É quase R\$ 1 bilhão, o investimento total nesse projeto, quando ele estiver totalmente pronto. Esse projeto, até 2002, haviam sido investidos R\$ 182 milhões, antes do meu governo; em 2003 foram investidos R\$ 22 milhões; e depois entrou no PAC, e foram investidos, agora, R\$ 251 milhões, para a gente chegar onde nós chegamos.

Vejam um dado importante, companheiros: o censo agrícola, divulgado pelo IBGE, em setembro de 2009, referente à situação brasileira em 2006, demonstra que a área irrigada já chegara a 4.450 milhões hectares, crescimento de 1 milhão de hectares em pouco tempo. Isso, irrigação privada, de empresa, não é irrigação pública não, feita pelo governo. A irrigação pública ocupava, em 2002, 275 mil hectares. Entre 2003 e 2010 foram implantados mais 95 mil hectares de áreas irrigadas, ou seja, 35% do que tinha sido feito de irrigação pública até 2002. Até o final de 2010, deve ser atingida a marca de 370 mil hectares de áreas beneficiadas pela irrigação pública.

Os investimentos diretos federais em irrigação foram – prestem atenção nos números – de R\$ 103 milhões, 243 mil, em 2003, foram, de R\$ 240 milhões, 856 mil reais, em 2004, e vai atingir R\$ 2 bilhões, 683 milhões e 782 mil reais no período entre 2003-2009. Para 2010, a previsão é de investimento



de R\$ 730 milhões, 251 mil reais.

Nós ainda vamos inaugurar a primeira etapa do salitre, do baixo salitre... como é que chama? Baixio de Irecê. São por volta de 6 ou 7 mil hectares que vamos inaugurar este ano ainda, para que a gente possa ter o feijão irrigado de melhor qualidade e mais caro para vocês, e mais barato para a mesa do consumidor brasileiro. Porque vocês são consumidores e vendedores. Vocês são vendedores quando vocês vão vender para o atacadista, e são consumidores quando vão na vendinha comprar o que comer em casa. Portanto, nós temos que equilibrar um preço bom para quem produz e um preço bom para quem compra, porque aí é a coisa boa que o Jaques Wagner falou.

Uma coisa importante que eu queria que a imprensa registrasse. O potencial para o desenvolvimento da agricultura irrigada de forma sustentável no País, ainda, companheira Dilma, é de 29,6 milhões de hectares. Todo mundo sabe que um hectare irrigado produz, em média, no Brasil, o equivalente a 3,4 hectares de agricultura tradicional, ou seja, a agricultura no sequeiro.

Em regiões como o Nordeste, não só é a única forma segura de produção como esse fator pode chegar à produção três vezes mais do que a produção tradicional. E nesta reunião do Nordeste, nós ainda temos 750 mil hectares de terra para fazer irrigação; no Sudeste, nós temos 3 milhões; no Sul, nós temos mais 3,2 milhões de hectares; no Centro-Oeste, mais 4 milhões de hectares; e na região Norte do País, 14 milhões de hectares.

Pois bem, eu não vou deixar de falar, sem falar para o povo de Juazeiro aqui do nosso querido e saudoso companheiro, que se aposentou, Dom José Rodrigues de Souza, o bispo dos excluídos aqui, na nossa região. Todo mundo sabe o sonho, o desejo que ele tinha com o projeto Salitre. Todo mundo sabe que foi Dom José Rodrigues que, entre [19]75 e [19]76, quando se aposentou, em 4 de junho, no mesmo ano, recebeu o título de cidadão baiano, da



Assembleia Legislativa. Todo mundo sabe que ele organizou praticamente 72 mil pessoas desalojadas, quando foi construída Sobradinho. E ele foi um... eu diria quase um herói na defesa desse povo que era escorraçado da sua terra por conta de água.

Esses dias, eu fiz uma reunião com o MAB e nós, viu, companheiro Valmir, é importante saber: eu assumi um compromisso [compromisso] com o MAB, porque nem tudo o que eles falam é verdade, e nem tudo o que as pessoas do governo falam é verdade. Então, eu fiz uma reunião, já conversamos com mais de 17 ministros, e eu não quero deixar o governo sem resolver todas as pendengas que nós temos com os atingidos de barragens neste país. Nós queremos resolver, porque tem muita coisa que já foi feita, mas tem muitos compromissos históricos que as empresas assumiram e que não pagaram, e que vão ter que pagar. Eu não quero deixar o governo com essa dívida nas minhas costas, eu quero pagar isso porque é uma questão de honestidade e de conquistar o direito de andar de cabeça erguida neste país.

Bem, todo mundo sabe o que o Dom José fez aqui nesta cidade. Oito pastorais: da Terra, da Criança, da Juventude, do Meio Popular, da Mulher Marginalizada, da Saúde, dos Pescadores e, ainda mais, a Pastoral Carcerária. Você veja que (incompreensível) como ele, não é? Com mais coragem, com mais compromisso, com mais vontade de trabalhar.

Também, ô Franklin, veja só. Franklin, dom José Rodrigues criou o setor diocesano de comunicação audiovisual, com uma biblioteca com 45 mil volumes, equipamento de produção de rádio e televisão, jornalismo impresso, uma locadora com dois mil títulos de vídeos para escolas e professores, além de três programas de rádio semanais. Será que eu já dei alguma entrevista na rádio dele? Acho que já, não é? Se não dei, eu estou reivindicando aqui o direito de dar uma entrevista aqui.

Bem, e ainda foi um dos criadores do projeto Cisterna Caseira, que nós estamos trabalhando muito, e eu penso que logo, logo, nós teremos resolvido



uma pequena parte do problema da água do Nordeste com as cisternas.

Bem, companheiros, terminada a minha leitura obrigatória, que era para dar os dados para vocês e impressionar a imprensa com os números que eu dei aqui... Está certo que eu falei muito rápido, vocês nem conseguiram anotar aí... Amanhã eu vou ver o jornal, para ver quem é que anotou os números que eu falei aqui.

Agora, eu queria dizer uma coisa para vocês, eu queria dizer uma coisa para vocês. Veja, não adianta, meus caros... Sabe o que vocês estão parecendo? Um pássaro preto com uma mistura de um bem-te-vi, porque são pretos e amarelos, que é o pessoal da polícia civil reivindicando que sejam contratados pelo estado. O Wagner falou um pouco sobre isso, ou seja, o concurso foi antigo e é preciso que o estado tenha condições de contratar. E certamente que como nós estamos precisando cuidar da segurança deste país, na medida em que melhore e, se Deus quiser, este ano a arrecadação pode melhorar em todo o Brasil, a gente vai poder melhorar a condição da nossa polícia em todo o território nacional.

Por mais, companheiros, por mais, eu queria me despedir de vocês dizendo o seguinte: olhem, isso aqui é apenas o começo de uma coisa que já era para ter sido inaugurada há tempos. Acontece que todos vocês sabem que hoje, no Brasil, para você fazer uma coisa, tem mais gente querendo impedir do que gente querendo ajudar. Às vezes, você quer fazer uma coisa... Eu não vou contar as barbaridades que eu vejo por este país.

Vocês já ouviram eu falar da perereca, vocês já ouviram eu falar da pedra do machado indígena, ou seja, todo dia aparece uma coisa que paralisa uma obra um ano, dois anos, três anos, e ninguém se responsabiliza pelo prejuízo dessa obra.

Eu penso que nós aprendemos muito, nós garimpamos muito, quebramos muita pedra, conseguimos quebrar muito obstáculo, mas ainda tem muito obstáculo. A contribuição que eu quero dar para quem vier depois de



mim é deixar um país mais fácil de ser governado do que aquele país que eu encontrei.

Eu não posso falar de candidatura, porque, obviamente, eu não quero me comprometer, mas o dado concreto é o seguinte, companheiro, o dado concreto é o seguinte... eu vou dar um dado para vocês: olha, uma coisa para mim sagrada, muito sagrada. Este país tinha desaprendido a fazer investimentos. Este país ficou uma geração e meia sem fazer investimentos. Quem conhece aqui de obra pública sabe que grande parte das empreiteiras brasileiras estava ganhando dinheiro no exterior porque aqui no Brasil não tinha mais grandes obras para serem contratadas. Quando eu cheguei ao governo, até o batalhão de engenharia do Exército brasileiro estava desmontado. Não tinha um caminhão, não tinha uma máquina, não tinha absolutamente nada, ou seja, nós resolvemos reconstruir este país. Hoje eu posso olhar na cara de cada prefeito deste país, não importa de que partido ele seja. Eu duvido, duvido – e podem pegar qualquer estudioso e fazer um levantamento, podem fazer até um agrupamento dos meus adversários – se em algum momento da história deste país teve tanto investimento do poder público em obra de infraestrutura como nós temos agora. Eu desafio alguém a mostrar em qual momento da história deste país que se tem investimento em saneamento básico como nós temos hoje. Porque houve um tempo em que, neste país, político não gostava de fazer saneamento básico, porque tinha que enterrar uma manilha e político gostava mesmo era de ponte, de viaduto, para colocar o nome da mãe, da avó, da bisavó. Ele não se importava com a saúde das nossas crianças.

Veja, eu digo... Ô companheira Dilma, você que vai sair do governo logo, o Geddel... Olha, é com muito orgulho, eu e o Zé Alencar somos, na história do Brasil, o presidente e o vice-presidente que não têm diploma universitário. E nós vamos passar para a história como o presidente que mais fez universidade neste país e que mais fez escolas técnicas neste país.



Mais importante ainda, mais importante ainda: a coisa que nós temos orgulho, e eu tenho certeza, Wagner e Lira, que vocês, viajando pelo mundo sentem isso, é que o nosso país nunca foi tão respeitado como ele é hoje. E respeito a gente não aprenda na universidade apenas, respeito a gente não aprende no Exército, respeito a gente aprende é dentro de casa, com o pai e com a mãe da gente, respeito a gente aprende é com os filhos da gente.

E eu dizia sempre: o maior legado que eu recebi da minha mãe foi o direito de andar de cabeça erguida. Não tem nada mais importante do que um homem, por mais pobre que ele seja, por mais humilde que ele seja, ele ter coragem de conversar com outro homem olhando nos seus olhos, sem lhe dever absolutamente nada, a não ser respeito. Porque eu gosto de respeitar para poder exigir respeito.

Então, nós estamos a oito meses, a nove meses de terminar o nosso mandato. O que contar para a história é o que a gente fez e o que a gente não fez. E, aí, nós temos consciência de que já fizemos muito, mas temos consciência de que falta outro tanto para fazer. Até porque 500 anos de desmando, 500 anos de desmando, um país que teve 300 anos de escravidão, a gente não recupera o tempo perdido com tanta facilidade. É preciso mais trabalho, mais educação, mais investimento, mais emprego, mais formação profissional para a gente poder se transformar em uma nação efetivamente respeitada.

Eu sei o que é o prazer de a gente disputar uma Olimpíada com os Estados Unidos, com o Japão e com a Espanha e a gente ganhar. Eu sei o que é a gente ganhar a Copa do Mundo, eu sei o que é a gente discutir a questão do clima em Copenhague e todos os grandes países saberem que o Brasil era o país que mais estava preparado. E isso a gente só conseguiu por causa de uma coisa: eu nunca faltei com respeito a nenhum dos meus companheiros por mais humildes que eles sejam. Porque eu construí um milhão de amigos no governo, construí um milhão de amigos, mas eu tenho certeza que o maior



patrimônio que eu quero ter quando deixar o governo é poder voltar a Juazeiro ou a Petrolina e vocês, que sempre me chamaram de companheiro, continuarem me chamando de companheiro Lula.

Nós não estamos fazendo favor, nós estamos apenas devolvendo ao povo brasileiro aquilo que ele nunca deveria ter perdido, que é o direito à cidadania, o direito a comer três vezes ao dia, o direito a morar, o direito a estudar, isso é direito elementar, isso está na Constituição. O que não é justo é uma pessoa comer cinco pãezinhos por dia, jogar dez fora, e o outro não poder comer nenhum pãozinho por dia. Então este país começou a mudar e isso incomoda muita gente. Incomoda. É só acompanhar os meios de comunicação que vocês vêem como incomoda. Se eles pudessem, eles cantavam todo dia: “Um Lulinha incomoda muita gente, uma Dilminha incomoda muito mais”. Porque, qual é a lógica? Eles agora passaram oito anos falando mal de mim, agora começam a falar: “Tudo bem que o Lula era maravilhoso, e a Dilma?”.

Olhe, meu caro, vocês sabem que um nordestino nascido em Caetés, se não morreu de fome até completar cinco anos de idade, vai ser duro na queda. E vocês sabem que a gente aprendeu a não ter medo de cara feia, de baixo nível de campanha, de ofensa e de preconceito. Isso nós já vencemos. Então, este país não é um país governado por um cara, com 190 milhões de habitantes, este país é um país de 190 milhões de caras, governado por um presidente da República.

Um abraço e até outro dia se Deus quiser.

(\$211A)